

HERANÇA FAMILIAR X MERITOCRACIA: UMA DISCUSSÃO SOBRE O DESTINO EDUCACIONAL

Autor (Alana Rafaelle da Silva Pereira); Co-autor (Amanda André de Mendonça); Co-autor (Ivan Luís de Melo Junior)

Universidade Estácio de Sá - UNESA- alanarafaelle1994@gmail.com

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo central expor o andamento do projeto de pesquisa em curso sobre meritocracia versus a transmissão/reprodução da herança cultural no universo escolar. O referencial teórico utilizado na pesquisa foca no conceito de capital cultural, desenvolvido pelo autor Pierre Bourdieu (1998), constituindo o elemento da bagagem familiar que teria o maior impacto na definição do destino escolar. As análises das obras de Bourdieu (2007), realizadas até o momento, orientam para a ideia de que a posse de capital cultural favorece o desempenho escolar na medida em que facilita a aprendizagem dos conteúdos e códigos escolares. A educação escolar, no caso das crianças oriundas de meios culturalmente favorecidos, seria uma espécie de continuação da educação familiar, enquanto para as outras crianças significaria algo distante, ou mesmo ameaçador. A partir destes estudos e de uma metodologia qualitativa, o projeto busca retomar reflexões, ainda não superadas, acerca das competências intrínsecas certificadas e legitimadas pela escola. Ao ignorar que as aptidões dos alunos não se devem somente aos “dons naturais” e méritos pessoais a escola transmite, por meio dos dispositivos de julgamento que emprega, a cultura da elite reafirmando seus privilégios sociais e legitimando a sua dominação. Assim, longe de ser uma mera disfunção organizacional ou pedagógica, o fracasso escolar aparece como socialmente necessário num sistema encerrado em relações de dominação. A cultura transmitida pela escola revela-se como legítima e indiscutível, formando assim uma face apresentada como “neutra”, portanto, dissimulando seu caráter arbitrário usando de violência simbólica em sua natureza social.

Meritocracia, Herança cultural, Desigualdade escolar.

INTRODUÇÃO

O Brasil ainda é um país de grandes contradições e a educação não foge à regra. Os números dos que não concluíram a educação básica ainda são alarmantes e os ideários do neoliberalismo se fazem perceber nas políticas educacionais no país através, por exemplo, da concepção de avaliação por mérito na educação. Desta forma, acredita-se que há uma apropriação de um conceito bastante difundido no mundo acadêmico, sem, contudo, distinguir-se as condições em que os sujeitos concorrem para a obtenção do reconhecimento meritocrático, que consiste em tirar o foco das condições de aprendizagem dos estudantes e do trabalho dos educadores, para induzir o senso comum a acreditar no mérito espontâneo e individual dos sujeitos.

Também é importante dizer que o fator competitivo, essência da meritocracia, tem se tornado mais uma causa de estresse no sistema educacional de nível básico, precário em muitos lugares. Educadores/as e estudantes são cobrados, sem a contrapartida que lhes garanta valorização e qualidade da educação com equidade. A lógica meritocrática figura, portanto, em todo sistema educacional brasileiro. Está cada vez mais consolidada e vem balizando as políticas educacionais, o modelo de financiamento e de avaliação da educação brasileira.

Neste sentido, considera-se o estudo da meritocracia configura-se como um elemento chave para análise do campo educacional brasileiro. Em contraposição à lógica meritocrática encontra-se a obra de Bourdieu (2007), em especial seu conceito de capital cultural, que constitui o elemento da bagagem familiar que teria o maior impacto na definição do destino escolar. A Sociologia da Educação de Bourdieu se notabilizou, justamente, pela diminuição que promoveu do peso do fator econômico, comparativamente ao cultural, na explicação das desigualdades escolares.

Para Bourdieu (1998) a posse de capital cultural favorecerá o desempenho escolar na medida em que facilitará a aprendizagem dos conteúdos e códigos escolares. As referências culturais, os conhecimentos considerados legítimos (cultos, apropriados) e o domínio maior ou menor da língua culta, trazidos de casa por certas crianças, facilitarão o aprendizado escolar na medida em que funcionarão como uma ponte entre o mundo familiar e a cultura escolar. A educação escolar, no caso das crianças oriundas de meios culturalmente favorecidos, seria uma espécie de continuação da educação familiar, enquanto para as outras crianças significaria algo estranho, distante, ou mesmo ameaçador.

A posse de capital cultural também atuará no êxito escolar, porque propiciará um melhor desempenho nos processos formais e

informais de avaliação. Desta forma Bourdieu (1998) observa que a avaliação escolar vai muito além de uma simples verificação de aprendizagem, incluindo um verdadeiro julgamento cultural e até mesmo moral dos alunos. Com isso questiona a meritocracia e apresenta um novo olhar sobre desigualdade educacional o qual buscamos explorar.

MERITOCRACIA

O trabalho apresentado faz parte de uma pesquisa de iniciação científica em andamento na UNESA que busca investigar a temática da desigualdade educacional e a lógica meritocrática. O projeto consiste no desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa e a proposta de investigação de discursos de um grupo particular de pessoas (diretores, coordenadores e professores das escolas envolvidas neste projeto), onde se observam os comportamentos manifestos na rotina diária destas instituições analisadas.

Assim, foram escolhidas três escolas da rede pública do Rio de Janeiro para serem realizadas entrevistas com professores, alunos e coordenadores. Através deste caminho investigativo buscou-se entender de que forma a escola pode se manifestar com um espaço de reprodução social, repleta de violência simbólica e de arbitrário cultural, levando em consideração o IDH desses locais, motivo esse que proporcionou encontrar falas hora semelhantes, hora distintas de acordo com a classe social e as propriedades específicas culturais de cada lugar. Para isso, o projeto conta com 3 (três fases).

A primeira, já concluída, incluiu o estudo sobre desigualdade e meritocracia na educação. O estudo da obra de Pierre Bourdieu e de seus principais conceitos norteou esse primeiro momento da pesquisa. Nesta fase foi trabalhado todo arcabouço teórico que embasa o desenvolvimento das atividades nas demais fases do projeto. Esta primeira etapa também incluiu o desenvolvimento do roteiro das entrevistas.

A segunda etapa ocorreu nas escolas investigadas e consistiu na realização das entrevistas com falas de professores e alunos sobre o tema. Essas entrevistas foram transcritas, para que com um trabalho minucioso fosse observada e interpretada cada fala dos agentes investigados. Também foram levantados dados socioeconômicos dos alunos e alunas para que fosse possível identificar ou não as práticas comuns de acordo com a classe social, o quanto o meio interfere nos aspectos culturais dos agentes e se há um padrão cultural conforme o poder aquisitivo de cada grupo.

DISCUSSÃO

O objetivo do projeto consiste, portanto, essencialmente em retomar reflexões, ainda não superadas, acerca da democratização da educação,

da meritocracia escolar, da transmissão/reprodução da herança cultural, das competências intrínsecas certificadas e legitimadas pela escola, enfim, da relação que se estabelece entre as diferentes dimensões escolares e a reprodução social. Ao ignorar que as aptidões dos alunos não se devem somente aos “dons naturais” e méritos pessoais (os quais permanecem hipotéticos), a escola transmite, por meio dos dispositivos de julgamento que emprega, a cultura da elite reafirmando seus privilégios sociais: “Todo ensino, e mais particularmente o ensino de cultura (mesmo científica), pressupõe implicitamente um corpo de saberes, de saber-fazer e sobretudo de saber-dizer que constitui o patrimônio das classes cultas amplamente incorporado nos estudos sobre a educação escolar como “currículo oculto”.

A forma de avaliar e subjugar os alunos e alunas de acordo com valores e atividades culturais leva a distinção, ou seja, a predileção por práticas proferidas pelos agentes. Esta distinção é manifesta pela reprodução do *habitus*, a vivência adquirida no campo social. Compreendemos que por diversas vezes os docentes se valem do que entendem com legítimo e bom para definir regras ou para expressarem ordens aceitas como a princípio incontestáveis. Por conseguinte, em uma escola localizada na zona sul do Rio de Janeiro, no bairro de Copacabana, encontramos relatos onde fica evidente a distinção feita pelos professores para com os alunos e alunas, em relação ao *habitus* e ao gosto de cada um.

Entrevistador – Você acha que a sua escola acolhe todos os gostos e culturas?

Aluna Michelle – Na teoria sim. Todo mundo sempre diz isso, mas quando a gente traz alguma coisa do nosso dia a dia desconsideram.

Entrevistador – Pode explicar melhor?

Aluna Michelle – Ah...quando a gente dá um exemplo de alguma coisa em sala de aula, falando da nossa vida e tal e o professor diz que não tem relação com o que ele estava explicando. Se não for o que eles esperam não tá certo. (INFORMAÇÃO VERBAL¹, 2016)

Assim, longe de ser uma mera disfunção organizacional ou pedagógica, o fracasso escolar aparece como socialmente necessário num sistema encerrado em relações de dominação. A cultura transmitida pela escola se apresenta como legítima, objetiva e indiscutível, como “neutra”, portanto, dissimulando seu caráter arbitrário e sua natureza social. Para compreender os mecanismos meritocráticos que fundam o sistema de ensino e

¹ Entrevista concedida em Novembro de 2016 aos integrantes da pesquisa. Todos os nomes mencionados são fictícios.

orientam as práticas pedagógicas, este projeto busca suporte nos principais conceitos de Bourdieu (habitus, campo, capital cultural, social, simbólico, violência simbólica, distinção).

O esforço desta pesquisa tem sido, portanto, verificar, por meio desse aporte teórico, de que forma estes mecanismos multiplicaram-se e diversificaram-se, abrangendo a ação, a autoridade, o trabalho pedagógico. Espera-se que a incorporação de tais temas na formação ofertada a alunos e alunas contribua com a discussão do agente educacional e ao ambiente escolar atual.

Vale lembrar que a escola baseada na lógica meritocrática cobra que os alunos tenham um estilo de falar, de escrever e até mesmo de se comportar; que sejam intelectualmente curiosos, interessados e disciplinados; que saibam cumprir adequadamente as regras da “boa educação”. Mas, essas exigências só podem ser plenamente atendidas por quem foi previamente (na família) socializado nesses mesmos valores. Vale ainda destacar a importância de um componente específico para a adequação destes alunos, o capital cultural.

Ao decorrer das entrevistas, observamos também que a maioria dos alunos dessas escolas da rede pública não participa com regularidade de eventos culturais, como ir ao cinema, ir ao teatro ou ao museu. Embora muitos deles relatem que tiveram essas experiências ainda crianças, essa prática não é frequente para a maioria dos alunos. Podemos observar este fato neste trecho do diálogo realizado com estudantes da escola que investigamos na zona oeste do município de Rio de Janeiro:

Entrevistador – E com que frequência vocês fazem isso? Vocês vão uma vez na semana, uma vez no mês, ou de seis em seis meses, ou só vão com a escola, como que é?

Aluna Maria – Eu vou com a minha família e vou de seis em seis meses, porque, não dá para ir todo dia.

Entrevistador – Demora né? Tem um espaço.

Aluno Carlos – Eu vou um dia da semana... ou duas vezes na semana

Aluna Joana – Eu só vou quando é com a escola mesmo.

Aluno Leandro – Eu só vou com meus pais e quando eles têm dinheiro.
(INFORMAÇÃO VERBAL², 2016)

Esse tipo específico de capital cultural é proveniente, vale observar, não apenas da

² Entrevista concedida em Novembro de 2016 aos integrantes da pesquisa. Todos os nomes mencionados são fictícios.

experiência escolar (e profissional, no caso, dos pais professores) vivida diretamente pelos pais, mas também do contato pessoal com amigos e outros parentes que possuam familiaridade com o sistema educacional. Vê-se, neste caso, a importância do capital social como um instrumento de acumulação do capital cultural.

O capital econômico e o social funcionariam, na verdade, na maior parte das vezes, apenas como meios auxiliares na acumulação do capital cultural. No caso do capital econômico, por exemplo, permitindo o acesso a determinados estabelecimentos de ensino e a certos bens culturais mais caros, como as viagens de estudo. O benefício escolar extraído dessas oportunidades depende sempre, no entanto, do capital cultural previamente possuído. Segundo Bourdieu (1998), a bagagem herdada por cada indivíduo não poderia ser entendida, no entanto, simplesmente, como um conjunto mais ou menos rentável de capitais que cada indivíduo utiliza a partir de critérios definidos de modo idiossincrático.

Relatos que encontramos na escola investigada em Cascadura, apontam para o fator da bagagem cultural herdada, ou seja, mostram que esse não exercício de programas culturais não está relacionado somente a ausência de capital econômico, mas também e principalmente ao gosto que está inserido no campo em que o agente faz parte.

Entrevistador – Vocês acham que na escola tem alguma influência, um estímulo para a realização de programas culturais, incentivando vocês a irem ao cinema ou ao teatro?

Aluno João e Aluno Leonardo – Não.

Aluno Leonardo – Não, às vezes, tem a professora de educação física que fala negócio de esporte, de deficiente, fala que é legal assistir, mas fora isso acho que não tem muito não.

Aluna Marta – O professor de artes sempre fala quando vai ter uma exposição de arte... O professor de História fala sobre os filmes e a professora de educação física fala sobre os jogos.

Aluno Leonardo – Sinceramente mesmo, acho que o professor falando, o negócio vai ser chato.

Entrevistador – Não, mas é sério, vocês acham que o não ir nesses lugares tem mais haver com dinheiro ou com uma questão de gosto?

Aluno João e Aluno Leonardo – É gosto.

Aluno Leonardo – É gosto, eu acho assim, po, se o professor tá falando é porque ele já viu, se ele já viu deve ser uma coisa chata, mas nem sempre é!

Entrevistador – Nem sempre é né...

Aluno Leonardo – Não, é igual ao filme que o professor falou “o menino do pijama listrado”, eu pensei, “po, deve ser um filme ‘chatão’, vou até dormir!”. Aí quando eu vi o filme eu fiquei “que isso!” Fiquei prestando atenção no filme. (INFORMAÇÃO VERBAL³, 2016)

Como já foi dito, segundo Bourdieu (2007), cada grupo social, em função das condições objetivas que caracterizam sua posição na estrutura social, constituiria um sistema específico de disposições para a ação, que seria transmitido aos indivíduos na forma do *habitus*. A ideia de Bourdieu (1998) é a de que, pelo acúmulo histórico de experiências de êxito e de fracasso, os grupos sociais iriam construindo um que é possível ou não de ser alcançado pelos seus membros dentro da realidade social concreta na qual eles agem, e sobre as formas mais adequadas de fazê-lo.

Alunos e alunas que não tiveram contato com o *habitus* dominante, pelo bloqueio em seu campo social, são de alguma forma excluídos de múltiplas atividades simplesmente por não apresentarem o comportamento esperado. Nas entrevistas também concedidas na escola de Copacabana, nos foram narrados fatos de exclusão por comportamentos considerados inautênticos.

Entrevistador – Você disse que não gosta de nenhum desses “passeios culturais”. Porque?

Aluno Rafael – São chatos. Só ficam dizendo que tem que falar baixo, que não pode fazer isso, aquilo...

Entrevistador – Entendi. Mas não teve nenhum que você tenha gostado?

Aluno Rafael – Não fui a muitos. Me cortaram logo porque disseram que não tenho perfil. (INFORMAÇÃO VERBAL⁴, 2016)

Dada à posição do grupo no espaço social e, portanto, de acordo com o volume e os tipos de capitais (econômico, social, cultural e simbólico) possuídos por seus membros, certas

³ Entrevista concedida em Novembro de 2016 aos integrantes da pesquisa. Todos os nomes mencionados são fictícios.

⁴ Entrevista concedida em Novembro de 2016 aos integrantes da pesquisa. Todos os nomes mencionados são fictícios.

estratégias de ação seriam mais seguras e rentáveis e outras seriam mais arriscadas. Na perspectiva de Bourdieu, ao longo do tempo, por um processo não deliberado de ajustamento entre investimentos e condições objetivas de ação, as estratégias mais adequadas, mais viáveis, acabariam por ser adotadas pelos grupos e seriam, então, incorporadas pelos sujeitos como parte do seu *habitus*.

Aplicado à educação, esse raciocínio indica que os grupos sociais, a partir dos exemplos de sucesso e fracasso no sistema escolar vividos por seus membros, constituem uma estimativa de suas chances objetivas no universo escolar e passam a adequar, inconscientemente, seus investimentos a essas chances. Concretamente, isso significa que os membros de cada grupo social tenderão a investir uma parcela maior ou menor dos seus esforços, medidos em termos de tempo, dedicação e recursos financeiros na carreira escolar dos seus filhos, conforme percebam serem maiores ou menores as probabilidades de êxito. A natureza e a intensidade dos investimentos escolares variariam, ainda, em função do grau em que a reprodução social de cada grupo (manutenção da posição estrutural atual ou da tendência à ascensão social) depende do sucesso escolar dos seus membros.

Dentre suas preocupações centrais está à reflexão sobre as formas de justificação, legitimação e naturalização da dominação social. Para isso, o autor principal que exploramos nesta pesquisa busca entender a lógica de conformação dos agentes no espaço social, identificando seus movimentos de manutenção ou de ruptura de posição.

Nota-se, portanto, que Bourdieu (2007) para realizar sua análise do que denominou de espaço social constrói e trabalha com uma série de conceitos, que em grande medida estão todos inter-relacionados. Seu olhar para o concreto, para o material está vinculado a estas noções por ele pensadas e se dá de forma dialética. É sob esta mesma perspectiva que esta pesquisa vem trabalhando, ou seja, da importância de se operar com conceitos para produzir uma análise da realidade. Utilizamos para isso as noções desenvolvidas por Bourdieu, mas assim como dito pelo próprio autor também buscamos trabalhar com e contra autores, buscando uma posição de rechaço às ortodoxias.

Assim, operando com os conceitos de Bourdieu o trabalho apresentado parte da premissa que no social tudo é relacional, ou seja, o enquadramento do objeto é produzido de forma a permitir perceber à sua posição relativa no conjunto de objetos semelhantes, o que possibilita avaliar de forma mais acurada o seu sentido em uma determinada configuração social. Esta seria a primeira lição da pesquisa, a ideia de uma forma mais ampla e globalizada de compreensão do objeto em análise. Isto significa

usar os conceitos como ferramentas de construção dos fenômenos empíricos que constituem o foco da investigação.

Este é o referencial teórico e a metodologia que vem orientado as entrevistas e a análise dos discursos dos agentes educacionais das escolas aonde vêm se realizando o trabalho de campo. Os resultados indicam que a instituição, por meio de diferentes mecanismos e práticas valoriza e espera de seus educandos um comportamento relacionado à detenção de capital cultural. Ou seja, conseguimos até o momento registrar falas que apontam o quanto a escola ainda se orienta através da valorização de uma bagagem pré-adquirida, ou um determinado capital cultural, que irá diferenciar seus educandos, privilegiando um determinado segmento. Como exemplo mais objetivo podemos mencionar o fato dos alunos e alunas que possuem um *habitus* que inclui apreciação de espaços culturais e de obras de arte ou de leitura receberem um olhar diferenciado e um incentivo para ingressarem em projetos e outros espaços de destaque na escola, em detrimento daqueles que não possuem tal *habitus* e que não recebem tal direcionamento.

RESULTADOS

As conclusões apontam o campo educacional como um local de lutas e concorrências que visam conservar ou transformar as relações de força ali presentes e onde os agentes atuam, por intermédio de categorias de percepção e de apreciação social, sobre situação que os determina, mas nunca estão livres dos condicionamentos sociais que produzem o *habitus*. Não existe a priori, portanto, um sujeito que não seja em alguma medida determinado pelo social. Além disso, segundo a pesquisa os agentes submetidos a situações cotidianas e estilos de vida sempre mais assemelhados à família tem em principio menos oportunidade de ampliação de volume e estrutura de capitais dos seus *habitus*.

A pesquisa em curso, conforme já mencionado, tem como principal direção o debate acerca da democratização da educação, do questionamento a meritocracia escolar, e da transmissão/reprodução da herança cultural no universo escolar. Acredita-se que a escola deva ser o espaço que direcione caminhos mais justos, mais iguais e que respeitem os direitos das pessoas sem que suas diferenças representem um empecilho para que possam se realizar enquanto cidadãos e cidadãs na sociedade. O projeto também visa trazer o debate realizado por Bourdieu sobre esta temática, atualizando-o e utilizando ele como referencial para a nossa realidade hoje.

É essencial que todos os elementos que formam a estruturado sistema educacional, se preocupem com o abismo que se forma a cada geração

que por ele passa. Cada vez mais pessoas, nas quais não aprendem em seu campo a atuação que se espera, sofrem com o processo imposto pelas instituições.

Tal fato acarreta para a distinção dos discentes, entre os que têm o comportamento esperado pela instituição e os que não têm, além disso, como já mencionado anteriormente, este comportamento é atribuído ao “dom natural”, como se alguns agentes tivessem predisposição a uma forma de cultura padrão e outros não.

Deste modo o sistema educacional acarreta em uma reprodução de cultura única a todos, reforçando a tendência da distinção, ao invés de ofertar um ensino democrático e multicultural. Portanto, sabemos que há uma gama complexa de referências culturais na sociedade e estas estão distribuídas em classes, a afirmação de apenas um segmento tende a intensificar as desvantagens dos dominados culturalmente.

Conclui-se que a pesquisa confirmou a hipótese inicial e a teoria de Bourdieu sobre o papel determinante do capital social e familiar e a reprodução das desigualdades pela escola, onde a herança cultural cada vez mais é transmitida de diferentes formas. O estudo também assinalou que tal processo também ocorre nas escolas municipais do Rio de Janeiro, que atendem crianças de camadas mais populares da cidade. Os docentes e a cultura escolar também reproduzem esta perspectiva e reforçam no ambiente escolar a demanda por um determinado capital cultural.

A análise do material coletado nas entrevistas e a divulgação de resultados alcançados com a pesquisa está sendo realizada através de artigos acadêmicos e também por meio de palestras, congressos, jornada e rodas de conversa. Além disso, dentre os resultados esperados ao término do projeto está à divulgação de debates na Universidade com a temática da meritocracia e da desigualdade escolar, proposta pela pesquisa, construída através de um material coletado empiricamente, ou seja, um contato direto com os agentes educacionais. Espera-se que a incorporação de tais temas na formação ofertada a alunos e alunas, contribua com a discussão do agente educacional e ao ambiente escolar atual.

REFERÊNCIAS:

BORDIEU, Pierre. Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução Fernando Tomaz, 7.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: Elementos para uma teoria. Educ. Soc., Campinas, vol. 24, n. 83, p. 509-526, agosto 2003.

NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e perspectivas. Educação & Sociedade, ano XXIII, no 78, Abril/2002.

BRANDÃO, Zaia. Elites acadêmicas e escolarização dos filhos. Educ. Soc., Campinas, vol. 24, n. 83, p. 509-526, agosto 2003.